

Agressividade no Contexto Escolar

*Arno Bayer
Valter Kuchenbecker
Jaqueline Tichy
Nilce Bregalda Schneider
Raquel Glapinski de Souza*

1 - Introdução

A situação de risco social que os docentes enfrentam diariamente no exercício de sua profissão, vem ocupando mais espaço na mídia atualmente e assusta a comunidade onde estes incidentes acontecem, é um problema social, que atinge as escolas, e esta por sua vez, desprovida de condições que possam fazer frente a esta situação de desintegração de valores, acaba expondo seus profissionais à mesma agressividade que ocorre nas ruas. Preocupados com a violência contra o docente e a interferência no processo de ensino e aprendizagem, buscamos levantar

dados através de pesquisa realizada nas escolas do município de Canoas, com o objetivo de proporcionarmos subsídio aos profissionais da área, para um melhor entendimento, visto que o problema se apresenta em todos os níveis e camadas sociais.

A pesquisa que estamos realizando tem como tema Docência em situação de risco social, e está sendo realizada no município de Canoas há dois anos.

O município conta com 131 escolas, este trabalho foi desenvolvido em 20 escolas da rede pública e privada, onde foram aplicado 244 questionários a professores, orientadores, diretores e funcionários.

Arno Bayer é professor do Curso de Matemática e Coordenador da Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECIM – ULBRA. 92420-280, Canoas, RS, Brasil. Fone (051) 477.9278. E-mail: bayer@ulbra.br

Valter Kuchenbecker é professor da Universidade Luterana do Brasil e Diretor da Editora da ULBRA. Professor-pesquisador bolsista da FAPERGS. Valterk@ulbra.br

Jaqueline Tichy é estudante graduanda da Universidade Luterana do Brasil, bolsista de Iniciação Científica.

Nilce Bregalda Schneider é estudante graduanda da Universidade Luterana do Brasil, bolsista de Iniciação Científica.

Raquel Glapinski de Souza é estudante graduanda da Universidade Luterana do Brasil, bolsista de Iniciação Científica.

2 - Docência em situação de risco social

O presente trabalho tem como objetivo investigar a situação da violência contra o professor nas escolas da rede pública e privada do Município de Canoas/RS.

Trata-se de uma pesquisa institucional que está sendo desenvolvida, com o apoio da FAPERGS e do Consulado da Espanha, em parceria com a Universidade Pontifícia de Salamanca, Espanha. O grupo de pesquisadores está composto de quatro doutores, dois da ULBRA e dois de Salamanca, mais quatro bolsistas.

O artigo apresenta os resultados parciais obtidos na pesquisa feita em Canoas. Parciais porque o resultado final deverá ser completado com a pesquisa feita em Salamanca.

A violência está em todo lugar, basta abrir um jornal, ligar a TV ou acessar a Internet para nos darmos conta da violência que ronda em nossa sociedade. A cada dia que passa o assunto violência na escola ocupa mais e mais espaço na mídia e assusta a comunidade onde os crimes acontecem.

Especialistas como Júlio Groppa Aquino, professor de psicologia educacional da USP (Universidade de São Paulo), falando sobre a violência na escola diz que "o aluno gosta da escola, mas não da sala de aula.

No entendimento do Secretário da Segurança do Estado de São Paulo a segurança na escola passa mais por outros canais do que pela polícia, é uma questão do educador, diz o secretário.

Já a Secretária da Educação, Rose Neubauer, do mesmo Estado, pensa diferente:

O problema da violência não é um problema da escola. É um problema que estamos enfrentando na sociedade e que acaba atingindo as escolas também. É uma sociedade que está mais doente e mais problemática.

Falta coesão social. Um conjunto de valores importantes está se desintegrando, como o sentido de solidariedade, a identificação com a comunidade e o respeito mútuo. Por isso, o jovem se sente isolado e não como uma parte integrante da sociedade em que vive. Assim, o problema da violência não pode ser resolvido pelo governo de maneira isolada. É preciso chamar a atenção da sociedade civil como um todo, envolver a comunidade.

Uma pesquisa do Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (Udemo) mostrou que 76% de 429 colégios entrevistados foram cenário de algum episódio violento em 2001. O medo e a intimidação são cancelados por diretores e docentes. Em uma noite de setembro, uma professora saiu com a cabeça sangrando da sala de aula na Escola Estadual Professor Domingos Peixoto da Silva, na grande São Paulo. Alunos de uma turma noturna haviam colocado uma lata de lixo repleta de cacos de vidro sobre a porta da sala, posicionada para despencar no primeiro que cruzasse o batente. A agressão não foi parar na Justiça porque a direção desencorajou a vítima. Em geral, diretores não gostam de ver o nome da escola envolvida em casos assim.

Não é difícil identificar e transcrever inúmeros exemplos como o relato acima. Manchetes como *Escola é fonte de insegurança; Aprendizado de chumbo; Cresce violência nas escolas* e tantas outras ocupam diariamente jornais deste imenso país.

Cresce a cada dia que passa a violência urbana e o sentimento de insegurança nas escolas. De forma que o assunto violência na escola já faz parte das preocupações das pessoas.

A mídia, por sua vez, veicula de forma dramática reportagens sobre atos violentos, dando a estas informações elevada e excessiva importância.

As manifestações violentas no meio escolar não são peculiaridades nossas. Outros países também se defrontam com o mesmo problema, como é comprovado

pelas pesquisas e pelos noticiários internacionais.

Sobre as possíveis causas desta violência poderíamos arrolar várias pesquisas, como por exemplo:

Segundo Beatriz Didonet Nery (2001), os jovens vivem hoje a desesperança em relação às promessas de futuro que antigamente estavam contidas na proposta da escola. Ocupam boa parcela das estatísticas os casos de morte, aparecendo o consumo de drogas como causa principal. Estas informações em geral não aparecem com clareza nas pesquisas feitas no meio escolar. No entanto, segundo o relato desta pesquisadora, em conversas mais reservadas com professores, a denúncia de tráfico e uso de drogas aparece com frequência, contrariando o que aparece nas pesquisas.

Conforme pesquisa, já comentada, feita pela Udemo, sugerem-se como causas mais comuns para a violência escolar a violência na televisão, cinema ou vídeo-games; a pobreza e o desemprego; falta de supervisão dos pais; disponibilidade de armas; uso de drogas, etc.

A criança quando entra na escola já vem com uma carga de vida que ela traz da própria família e do meio em que ela vive, e é a partir deste conhecimento que ela já tem que ela vai agir e reagir dentro da escola. A escola deve orientar as crianças para uma vida saudável em sociedade. Isto não é tarefa fácil, pois a criança possui uma tendência a imitar os outros e achar tudo muito bonito e bom. Por exemplo, quando assiste um desenho violento onde uns matam os outros, se golpeiam, se chutam, ela vai chegar na escola e brincar com outros colegas do mesmo jeito que ela assistiu na TV, onde ela é o mocinho e o colega é o inimigo que tem que ser eliminado.

Outras causas são a miséria, a pobreza, a desigualdade social, a corrupção e a sociedade competitiva em que vivemos. É neste meio que a criança aprende a viver e

sobreviver. Um menino de sete anos sabe que o pai está desempregado, que não tem o que comer. Como esta criança encara o mundo, onde aquele que tem mais pode mandar naqueles que tem menos, onde ela vê que uns roubam milhões e não são presos, onde as pessoas tiram a vida umas das outras e nada acontece, onde pessoas não têm o que comer, será que isto comove as crianças? Esta dura realidade muitas vezes nos leva a uma acomodação, achando que tudo isto é normal quando, na verdade, não é normal e não deveria ser assim.

A Professora Marília Sposito (1999), em um fórum realizado em Porto Alegre sobre violência na escola diz: "O banheiro da escola é muitas vezes o espaço que o jovem tem para se expressar.", e é isto mesmo, pois, nós não achamos que o aluno bom é o "quietando", o que não diz nada e só obedece. As próprias experiências realizadas nesta área de violência na escola mostram que a violência diminui nas escolas que implantam grupos de teatro, dança, corais, atividades esportivas e outras que façam com que o aluno expresse o que ele pensa e que desenvolva o seu potencial. Muitas vezes a violência juvenil que ocorre nas escolas é gerada da ausência de sentido, o jovem precisa de uma causa, algo para buscar, e a escola muitas vezes não dá este incentivo para o jovem, não faz com que ele busque um objetivo para sua vida. A escola muitas vezes diz que as coisas são assim e nunca vão mudar, ela não impulsiona o seu aluno a ir em frente a buscar novos horizontes. Apresenta tudo muito pronto, não deixa o aluno criar ou muitas vezes mata o entusiasmo do aluno e faz com que ele não se sinta capaz.

Grande parte dos atos de violência ocorre nas escolas públicas em zonas de grande miséria, onde o nível de desemprego é alto. A falta de perspectiva no futuro é grande entre os jovens, a formação de gangues é contínua e o tráfico de drogas é intenso.

Vivemos uma realidade onde os

papéis se inverteram. Não são mais os pais que mandam nos filhos, mas sim os filhos que mandam nos pais. Pois, se um filho, grita, briga e desrespeita os seus pais, porque ele iria não fazer o mesmo ou pior com o seu professor, afinal o aluno acha que o professor tem obrigação de estar ali e aturar tudo o que o aluno diz ou faz, pois ele é pago para isto. Esta situação ocorre porque a profissão de professor é muito desvalorizada por parte da sociedade. O professor se cala face a situações de violência por medo, por falta de apoio da escola e até para não perder o seu emprego. Isto não ajuda a melhorar esta situação, pelo contrário, só piora. Se um professor sofre algum tipo de violência ele não está só esquecendo o seu papel de educador como também está deixando de se valorizar como ser humano e assim perdendo totalmente o seu valor.

Uma das maiores violências que ocorre no meio escolar é a pedagógica: o aluno finge que aprende e o professor finge que ensina, isto contribui para a violência, pois o aluno quer aprender, mas tem que ser motivado para isto. Ele quer que o professor reaja e não se omita ao que acontece ao seu redor, pois a palavra educação tem um parâmetro muito maior do que seguir um currículo. Educação quer dizer ensinar as pessoas, educar, fazer com que elas aprendam. A escola tem que se adaptar à realidade que está aí fora. Não dá para fingir, não ver ou passar por cima. As manifestações de violência estão claras para toda a sociedade, e os professores e diretores muitas vezes dizem: "não, isto não ocorre na minha escola". Os governadores fingem que esta realidade não é tão preocupante, mas até quando crianças terão que morrer para que o governo resolva fazer alguma coisa?

Os pais, ao se omitirem, tornam-se os principais culpados dos atos de violência realizados pelos seus filhos e têm que ser punidos por isto.

Em 1995, a SMED (Secretaria

Municipal de Educação e Desporto) – Porto Alegre estabeleceu um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, através do professor José Vicente Tavares dos Santos, no sentido de construir o projeto de pesquisa denominado "Violência na Escola". O objetivo central deste projeto era a reconstrução dos atos violentos no contexto escolar das escolas municipais de Porto Alegre, a fim de reconhecer as causas, compreendê-las e procurar minimizá-las.

No dia 8 de agosto de 2001, na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, ocorreu o Fórum Municipal de Prevenção à Violência no meio Escolar. Fato este que reforça, além dos motivos já citados, a nossa preocupação em estudar e pesquisar a violência no contexto escolar.

Preocupados com as interferências da violência no processo de ensino e aprendizagem, nos integramos a uma equipe da Universidade Pontifícia de Salamanca – Espanha, que está pesquisando e analisando a mesma problemática na província de Salamanca, a fim de dar subsídios aos professores que atuam na sala de aula.

Diante deste quadro alarmante e crescente da violência nas escolas, partiu-se para uma investigação com o objetivo de buscar uma melhor compreensão do problema e viabilizar alternativas de possíveis soluções. Elaborou-se um questionário comum para ser aplicado em Salamanca e no Município de Canoas.

O Município de Canoas foi mapeado, onde foram identificadas as escolas, para serem pesquisadas. Os critérios para escolha da amostra foram os seguintes: poder aquisitivo, nível cultural, localização, número de professores e alunos. Tendo-se ainda o cuidado de envolver escolas das três redes de ensino de cada região, com a preocupação de observar nesta eleição o critério da classe social, para que a opinião obtida fosse representativa da população

envolvida.

Das 131 escolas existentes no Município de Canoas, foram pesquisadas 20 escolas, sendo aplicados 244 questionários a professores, diretores e orientadores. As 20 escolas selecionadas envolviam a rede pública (municipal e estadual) e privada do ensino fundamental e médio do município de Canoas.

O município foi dividido em duas áreas, uma para cada professor pesquisador. O grupo de pesquisa, antes da aplicação prática dos questionários obteve da Secretaria Municipal de Educação de Canoas e da 27ª (Coordenadoria Regional de Educação de Canoas), uma autorização para ter acesso

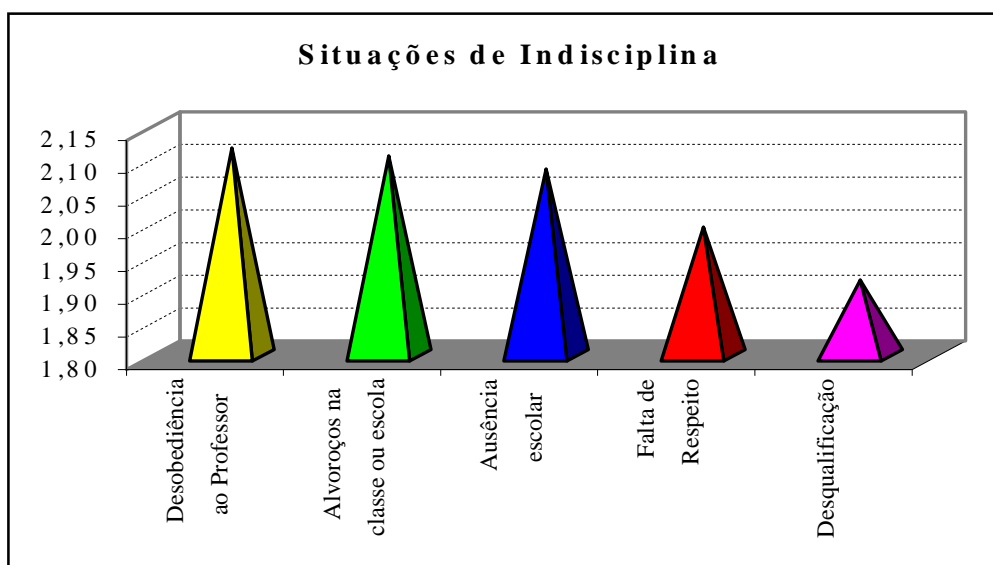
aos docentes das escolas, visitando-as e explicando o real motivo da pesquisa.

Os questionários foram entregues pessoalmente pelos pesquisadores para a direção da escola, que os encaminhou aos professores. Alguns instrumentos, no entanto, foram aplicados diretamente pelo pesquisador.

Ao analisarmos as respostas dos professores obtivemos os seguintes resultados.

Perguntamos aos professores "Com que frequência aparecem em suas aulas as seguintes situações de indisciplina".

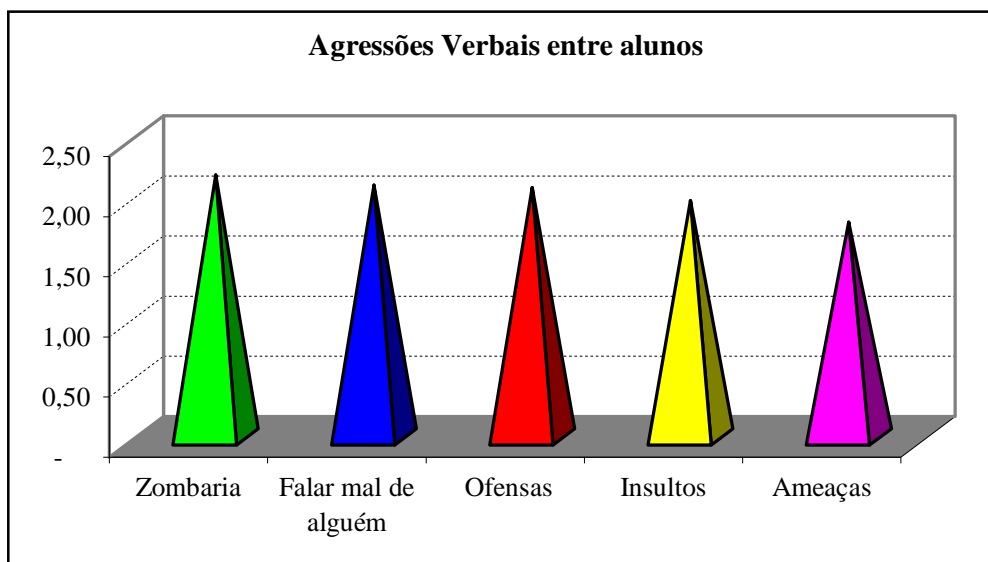
Nas situações de indisciplina mencionadas nesta questão a que com mais frequência apareceu foi a



desobediência ao professor. A atribuição de valores numéricos 1 – nunca, 2 – às vezes, 3 – frequentemente e 4 – sempre, às opções oferecidas aos professores, nos permitiu calcular, classificar e avaliar pela média as respostas dadas pelos docentes. Usando o recurso da média, podemos afirmar que a situação de indisciplina, desobediência ao professor, está entre às vezes e frequentemente na opinião dos professores.

As agressões verbais entre os alunos

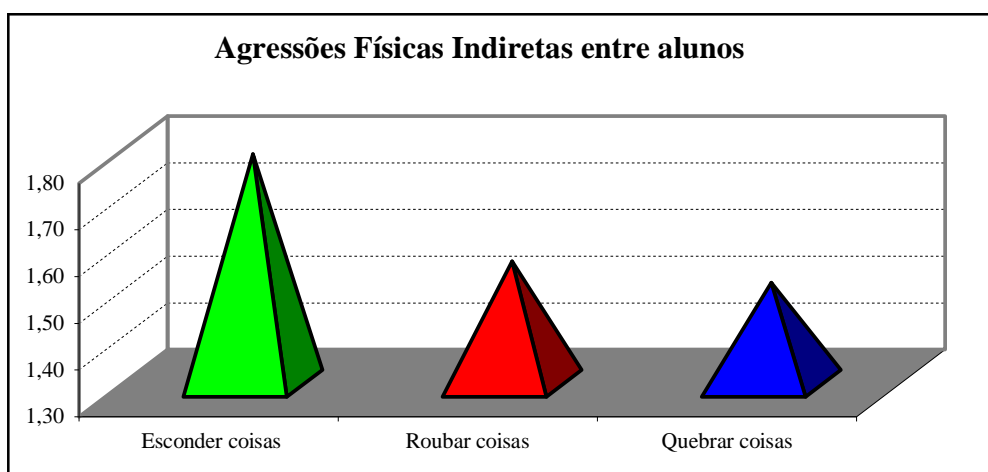
aparecem em nível mais elevado, excedendo ao valor médio do "às vezes", predominando a zombaria e o "falar mal de alguém". A escola vive numa luta desigual. Ela tem a tarefa de educar e, neste processo, um contínuo desfazer e minimizar os estímulos exacerbados por imagens incitadoras que aparecem na televisão.



Na opinião de Olivier, o esporte de combate deveria ser resituado no contexto institucional. Transformar a briga em jogo. Jogo com regras onde a criança ou adolescente pudesse expressar seu ímpeto em condições seguras e definidas.

As agressões físicas indiretas, como

esconder coisas, roubar coisas e quebrar coisas, apareceram numa intensidade pequena, predominando a atitude de esconder coisas. Pouco apareceu, na percepção do professor, a atitude quebrar coisas, o nível médio ficou em 1,51.

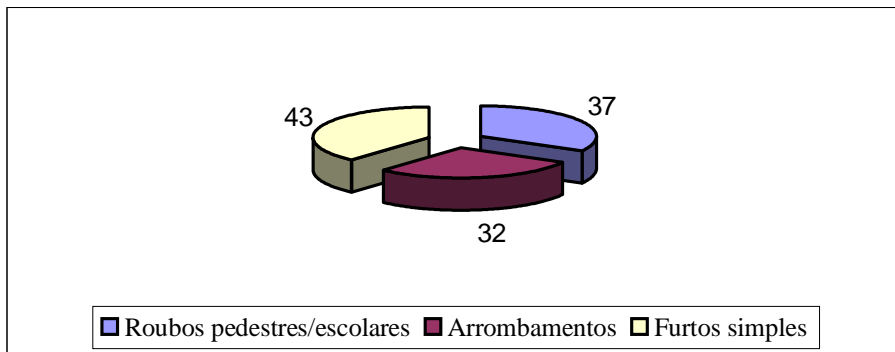


Segundo a teoria desenvolvida pelo jurista italiano Enrico Ferri (In: Trindade, p.71), o homem não nasce delinqüente e sim se torna delinqüente ao longo da vida porque o meio social, o meio ambiente, os fatores externos convergem no sentido de tornar a pessoa violenta. A escola tem a grande responsabilidade de ser o meio

capaz de proporcionar os fatores externos e fazê-los convergir em seus adolescentes, de modo a não estimular a violência. Para Dürkheim (In: Trindade p.71), a violência decorre da anomia, isto é, ausência de normas. Quando não há normas, quando não há limites, a probabilidade da violência aumenta.

A estatística policial mostra o quanto de violência ocorre no contexto escolar. Temos dados que mostram agressões entre alunos, aluno contra professor. Agressões à estrutura física da escola e/ou

equipamentos. Os registros na Polícia Civil confirmam esta situação de intranqüilidade, as nossas escolas e o contexto escolar são alvos de muitas agressões.



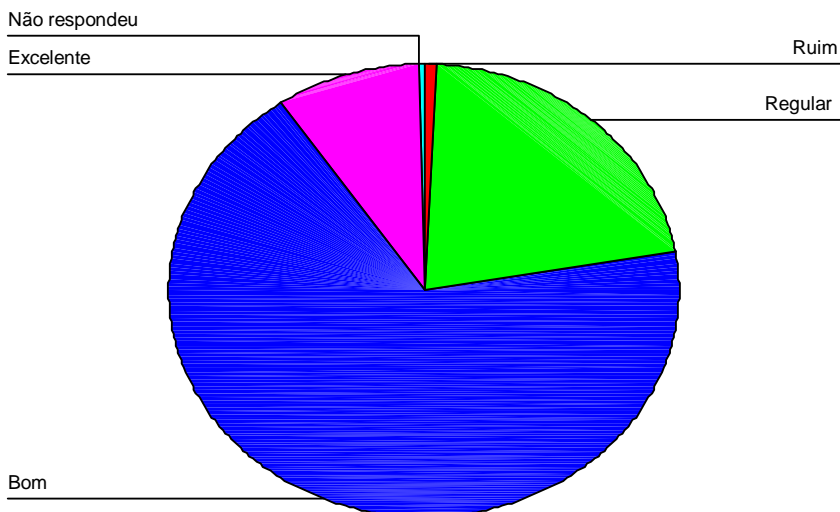
Fonte: Secretaria da Segurança Pública RS

Fazendo uma análise comparativa entre os dados levantados na polícia e dados relatados na imprensa a respeito das agressões no meio escolar com as informações coletadas entre os professores, parece que muito do que ocorre no meio escolar já não mais chama atenção.

Os professores das nossas escolas acham que o clima de convivência entre os alunos é bom.

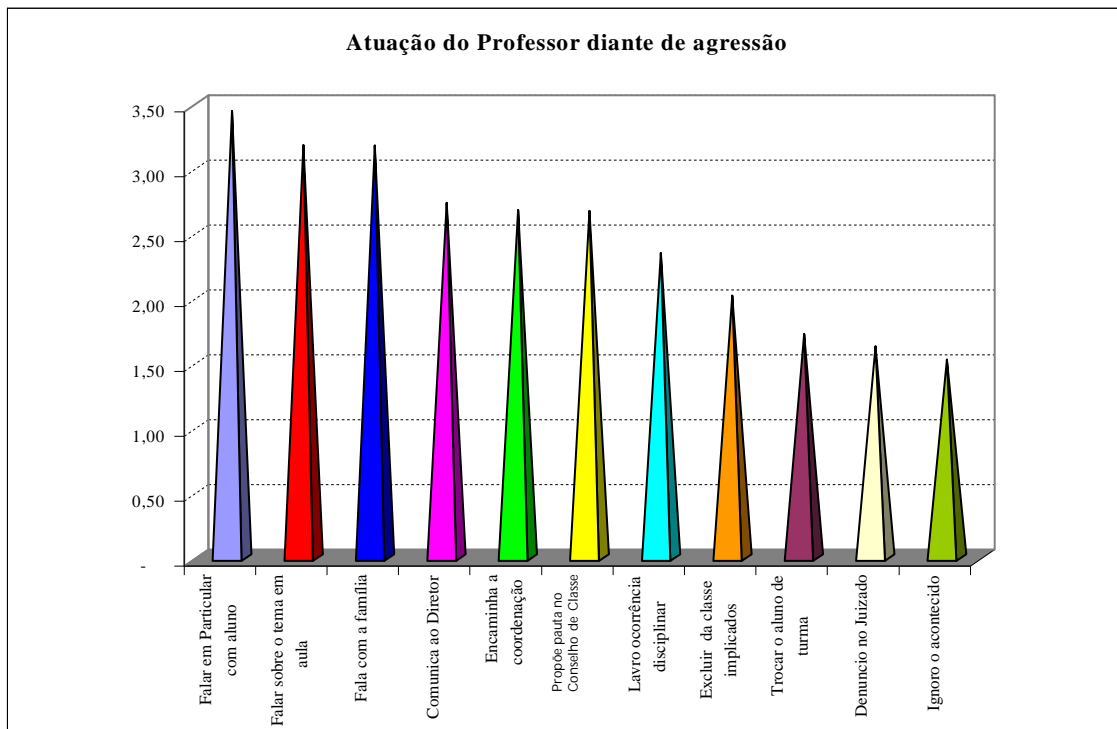
Os professores não se sentem

agredidos, pois o nível médio das respostas colhidas entre os professores foi 1,17, muito próximo do "nunca", cujo índice é igual a um.



O professor ao se posicionar quanto a sua atuação diante das agressões ocorridas na escola salientou que sua ação seria a de falar em particular com o aluno como

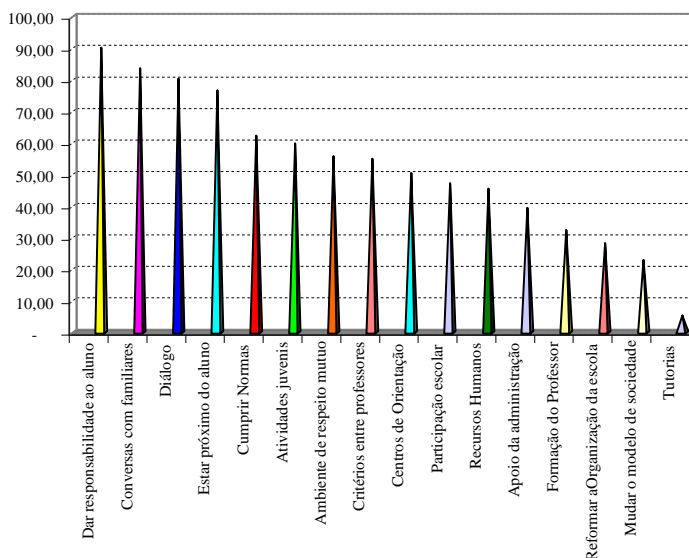
primeira alternativa, aparecendo como índice médio igual a 3,5. Numa escala onde o maior índice seria 4, a ação de menor índice médio foi o de ignorar o acontecido.



Para prevenir a indisciplina no meio escolar, deve-se dar responsabilidade ao aluno, 90% dos professores optaram por esta alternativa. Seguindo as sugestões,

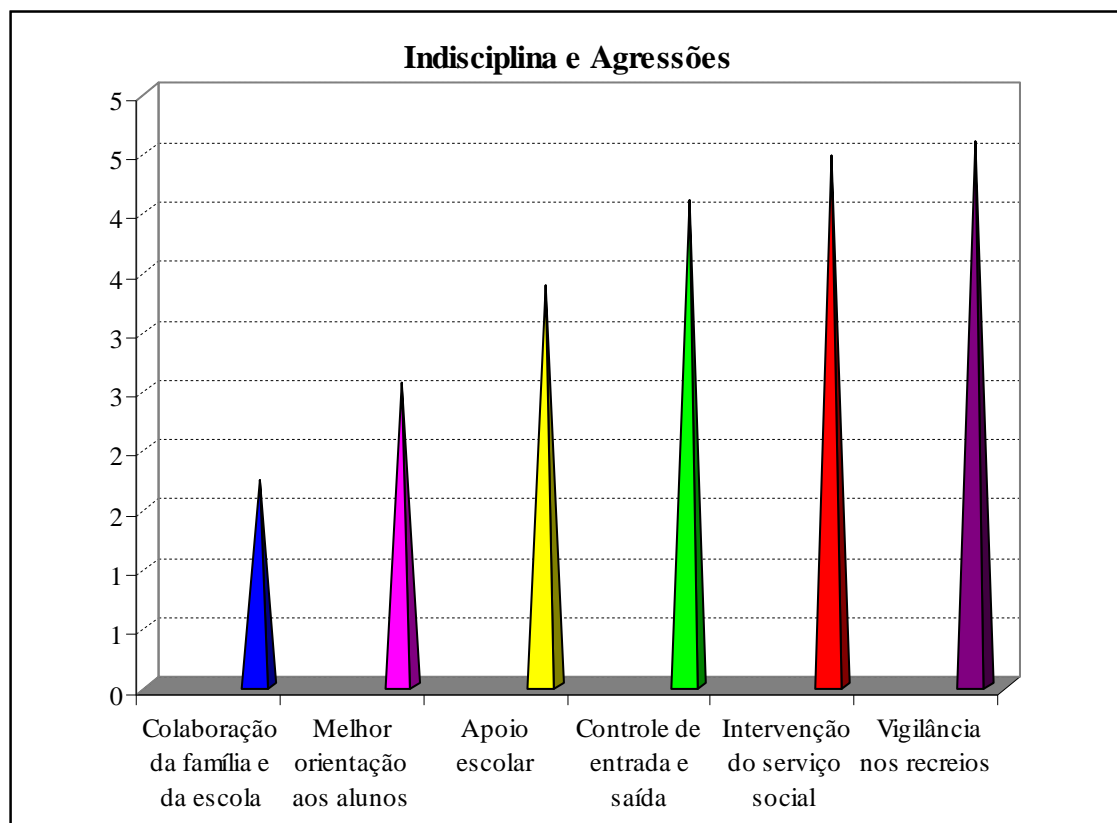
em segundo plano, apareceu a conversa com os familiares e, em terceiro plano, o diálogo, em último os professores se posicionaram em ignorar o acontecido.

Sugestões para prevenir indisciplina e agressões



Da mesma forma os professores opinaram que para prevenir a indisciplina e agressões na escola, a melhor alternativa é ter a colaboração da família, depois, em

ordem decrescente, dar melhor orientação aos alunos. Em último nível, ter mais vigilância nos recreios.



O gráfico anterior aparentemente está invertido, porque foi sugerido na questão que fosse atribuído 1 ao melhor e 6 ao que considerar a pior alternativa. Logo a opção que apareceu com a menor média é a que foi considerada a melhor.

As causas da conduta do aluno agressor, na opinião dos professores, em primeiro plano estão os problemas familiares, seguido da violência familiar, por último a sociedade.

Os resultados demonstram uma cautela no posicionamento dos professores em relação à violência. Isso se deve talvez a situação de corresponsabilidade do professor com a escola e com a sociedade. Declarar o alto índice de violência é assinar uma parcela de culpa no processo ensino-aprendizagem.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam e Rua, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2000.
- DIMENSTEIN, Gilberto- *A Epidemia da Violência*. Folha de São Paulo- 22/09/96. 1996.
- DÜRKHEIM apud Jorge Trindade in *A Violência na Escola*. Canoas: ULBRA, 2000.
- FERRI, Enrico apud Jorge Trindade in *A Violência na Escola*. Canoas: ULBRA, 2000.
- OHSACO, T. *Violence at school. Global issues and interventions*. Ed: UNESCO, 1998.
- OLIVIER, Jean-Claude. *Das Brigas aos Jogos com Regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- REZENDE, Marcelo. *Paixão de Aprender*. nº 14. Porto Alegre: SMED, 2001.
- SILVA, Aínda Monteiro. *A Violência na Escola*:

a percepção dos alunos e professores-mimeo.
SILVA, Maurício da. *Violência nas Escolas Caos na Sociedade*. São Paulo: Evert, 1999.
TRINDADE, Jorge. *A violência na escola: o papel*

das instituições. In A violência na escola.
Org. Arrieta, Gricelda Azevedo. Canoas:
ULBRA. 2001.